



Wilson Savino

Discurso de posse na direção do Instituto Oswaldo Cruz, 24 de maio de 2013.

Bom dia a todos, servidores, bolsistas, estudantes, trabalhadores terceirizados, enfim, todos os que vivem e vivenciam cotidianamente este nosso tão querido IOC.

Bom dia também aos convidados de outras unidades da Fiocruz e de outras Instituições, a quem desde já agradeço muito pela presença.

Gostaria, antes de tudo, saudar as Diretorias do Instituto Oswaldo Cruz, não apenas na pessoa de Tânia Araújo Jorge, que hoje se despede, mas também de diretores anteriores: José Rodrigues Coura, Carlos Morel – que me trouxe para esta Casa --, Sérgio Coutinho, Claudio Ribeiro (hoje representado por Delir Correa) e Renato Cordeiro. TODOS eles, no seu conjunto contribuíram para a construção da História Contemporânea deste nosso Instituto. Alguns dos quais também ocuparam o cargo de vice-presidente de pesquisa da Fiocruz (Coura, Morel, Renato) e mesmo a Presidência da Fiocruz, como foi Morel. Portanto é com muita honra que aceito ocupar este cargo, esperando, sinceramente, estar à altura do mesmo.

Saúdo ainda toda a Presidência da Fiocruz, hoje aqui representada por Nísia Trindade Lima na mesa Diretora.

Saúdo também todos os diretores de Unidades da Fiocruz que tomaram posse ontem, muitos dos quais aqui presentes, o que reforça nosso propósito de aumentar cada vez mais a conectividade entre o IOC e outras Unidades da Fiocruz.

A presença dos dirigentes máximos da ASFOC-Sindicato Nacional, Paulinho e Justa, também muito nos honra. É fundamental que tenhamos um braço importante para as discussões políticas de cunho trabalhista, e estaremos sempre juntos neste processo.

Registro aqui a presença, e deixo desde já meus sinceros agradecimentos, de pesquisadores/professores de outras instituições científicas, particularmente a de Cecília Hedin Pereira, presidente da Sociedade Brasileira de Neurociências e do Comportamento. Além de muitos amigos de longa data, e cito como paradigma Marcelo André Barcinski, que faz parte da banca de minha tese de doutorado.

Por fim, quero saudar, COM MUITA FORÇA, todos vocês que aqui estão presentes, participando de mais este momento histórico para o nosso IOC.

Não poderia iniciar esta fala, sem antes agradecer a todos que participaram nesta eleição; TODOS, sem exceção! Todos os que votaram, e também aqueles que coordenaram o processo eleitoral. TODOS NÓS, JUNTOS, de fato e de direito, contribuímos para que hoje estejamos de novo juntos, aqui, nesta linda festa.

Subscrevo pessoalmente este agradecimento, mas sei que posso fazê-lo também em nome de meus vice-diretores Elisa Cupolillo, Eliane Veiga da Costa, Hugo de Castro Faria Neto e Valber da Silva Frutuoso.

E ainda em nome de nós cinco, agradeço de modo muito especial e com enorme emoção a TODOS AQUELES QUE NOS APOIARAM DURANTE A CAMPANHA, e também na votação propriamente dita. Como é impossível nominar cada um de vocês, peço à Alda Maria da Cruz, nossa coordenadora de campanha, que aceite este singelo agradecimento, o qual é estendido a TODOS vocês que nos apoiaram.



Agora, sim, começo o que poderia (talvez) chamar de discurso.

E a primeira frase deste, é uma confissão pública: jamais em minha vida, escrevi um discurso. Sempre falei de improviso, e por isso mesmo, durante vários dias relutei em decidir o que faria hoje, nesta outonal manhã de sexta-feira, véspera de 25 de maio, véspera do aniversário de 113 anos do IOC, e por corolário histórico, da própria Fiocruz.

Imagino que se tivesse vivido tal situação há 20 anos, não teria escrito um discurso; teria me deixado levar pelo improviso, mais livre, talvez mais liberto.

Mas hoje, já sexagenário, resolvi ouvir o conselho dos mais novos, e escrevi nas linhas que se seguem, o que poderia (talvez) chamar de discurso. Digo talvez, porque não conheço as regras literárias inerentes à construção de um discurso (supondo, é claro, que elas existam).

Talvez alguns, quem sabe muitos, esperem deste dito discurso uma demarcação clara sobre as questões cruciais no IOC, os grandes desafios estruturais da Fiocruz, ou ainda o futuro das políticas públicas sobre pesquisa para a Saúde, e mesmo sobre a urgência de discutirmos Saúde global.

Muitos destes temas foram alvo de discussões iniciais no período de campanha, e certamente continuarão sendo, a partir da segunda-feira próxima, e pelos próximos quatro anos.

Mas não hoje! Hoje, não!

Resolvi, sim, escrever, mas deixando-me ainda assim levar pelo improviso das palavras, que então, surgiram e fluíram de forma mais livre, talvez até mais liberta.

Para mim, que tanto amo e respeito as palavras, há três maneiras de eu me deixar fluir através dos dedos, sobre um teclado cibernético: textos técnico-científicos, e nas horas vagas, poesias, ou contos infantis.

Escolhi o terceiro formato.

Lerei pois, aqui e agora, um conjunto de linhas, cheias de palavras, escritas sob a égide da liberdade de sentimentos, revestidas de uma grande emoção, que por sua vez foi, é e será irrigada por felicidade plena.

Lerei pois um conto, escrito e dedicado a pessoas muito especiais, e que estão aqui presentes.

Foi a escolha que fiz, para expressar neste dia de festa, amor e gratidão, àqueles que originam os personagens deste conto, mas a todas as pessoas que amei e amo, e que fizeram ou fazem parte da minha vida.

“A Pequena Asile e o Castelo das Torres Ametistas”

Quando na tenra infância olhávamos cá debaixo aquelas iluminadas torres, víamos duas ametistas de dimensões monumentais, que pareciam flutuar sobre um suave e acolchoado jardim tropical.

Tão grandes eram as torres, que nos faziam medo caso resolvessem não mais flutuar e despencassem sobre nossas cabeças pueris.

Lindas torres aquelas, que de fato não flutuavam, pois ancoradas estavam em lídimo representante da arquitetura moura, originalmente forjado, talvez, em terras distantes, mas certamente construído aqui, em terra brasílis.



Quando olhávamos cá debaixo aquelas torres mouras, nos sentíamos ainda menores do que de fato já éramos. Todos nós, mas em particular a pequena Asile, menina de sorrisos raros, mas meigos, e que desde há muito habitava o País do Castelo das Torres Ametistas.

Sempre que ali vinha, com sua mochila pendurada às costas, Asile maravilhava-se com a beleza do Castelo, e perdia-se em sonhos, ao sentir o brilho ametista emanado daquelas torres. E sonhando, as vezes, curiosa que era, ousava galgar os primeiros degraus daquela imensa escadaria à frente do Castelo. Mas voltava rapidamente para o jardim -- como se fora um bichinho arisco --, e ali permanecia, horas a fio, brincando e vendo os passantes, habitantes daquele País do Castelo das Torres Ametistas.

Um dia, quando corria no jardim, Asile tropeçou numa espécie de tronco achatado e pontegudo, maior que ela mesma. Caiu de cara naquele dito tronco achatado, e quando ousou levantar o olhar, deparou com um rosto que a mirava, sério, preocupado em saber se estava machucada, mas também se o dito tronco estava arranhado.

- Desculpe, tá, tropecei sem querer! Falou ruborizada a pequena Asile.

- Você está bem? Não se machucou?

- Não, não, estou bem. Este tronco é seu?

- Sim, sim. Mas este “tronco”, que na verdade se chama prancha, é, antes de tudo, um meio de transporte, que me permite atravessar o mar que separa minha casa deste País.

- E qual é seu nome? Ousou perguntar a pequena Asile, agora menos ruborizada e já com seu narizinho tipicamente mais arrebitado.

- Netinho.

- Netinho? Mas como assim? Você não tem nome de verdade? Eu, por exemplo, me chamo Asile.

- E eu, Netinho.

- Bem, então tá, né? Netinho, você tem tempo para brincar comigo?

Asile e Netinho tornaram-se então grandes amigos, e frequentemente brincavam juntos naquele imenso jardim tropical. E quando cansavam, sentavam-se à frente do Castelo, esperando que surgisse a noite, pois o brilho ametista daquelas torres, só era visto entre o crepúsculo e o amanhecer.

Numa certa tarde de outono, estavam ali brincando quando repentinamente perceberam um objeto circular voando bem baixo. Certamente não era um disco voador, pois de tão pequeno, nele não caberia nenhum marciano. Além do que, o objeto era de palha, incompatível, portanto, com a tecnologia necessária para viagens interplanetárias.

Não, era apenas um chapéu. E atrás dele, corria meio esbaforido, seu dono; “seu Valter”, como era conhecido aquele menino, que por viver vestido de chapéu, parecia que já não era criança; razão pela qual as outras crianças chamavam-no de “seu” Valter.

Valter era mais recatado. Sim, recatado em geral, mas nem sempre. Por exemplo, quando Valter tirava o chapéu e juntava-se à Asile e Netinho, gargalhava durante horas sem parar.

Além disso, bastava ouvir o rufar dos tambores na praça do Castelo, e Valter levantava-se e punha-se a dançar, e de batuta virtual em punho, sonhava conduzir aquelas notas musicais pela rua da Harmonia, a principal avenida do País do Castelo das Torres Ametistas, e que justamente terminava na escadaria do Castelo.



Naqueles sonhos musicais, entravam, sem pestanejar, Asile e Netinho, que, diga-se de passagem, nunca haviam pensado em dançar, mas que ainda assim se divertiam, catando as notas sonoras, que surgiam uma após outra, como aveludadas folhas pairando no ar.

Num destes sonhos, Asile, Netinho e mesmo “seu” Valter haviam recolhido tantas notas musicais que já não mais conseguiam ver a música nelas contida.

Ali estavam, diante daquele verdadeiro quebra-cabeças, quando perceberam um par de desconhecidos olhos silenciosos. Viram então aquela menina, ali, parada, e com o olhar fixo sobre as notas espalhadas. Os três perguntaram ao mesmo tempo:

- Você saberia arrumar de novo as notas para termos a música de volta?

E a menina respondeu, em pouquíssimas palavras:

- Ainda não sei, tenho que estudar mais um pouco sobre a música.

E ali ficou, em silêncio, por mais alguns poucos minutos.

Repentinamente, aproximou-se das notas e reordenou-as com tanta perfeição que a música ressurgiu, como um cata-vento, que girando inundou de sons coloridos, não apenas o Jardim Tropical e a rua da Harmonia, mas, de fato, todo o Castelo.

Pasmos, os três amigos voltaram-se para a menina e em sincronia indagaram:

- Qual é o seu nome?

- Ane-Eli, respondeu laconicamente nossa silenciosa e doce personagem.

- Estranho nome!!! Exclamaram, ainda em sincronia, Asile, Netinho e “seu” Valter.

- Você nasceu aqui mesmo, no País do Castelo das Torres Ametistas?

- Sim, respondeu Ane-Eli. Mas meus pais vieram de outras terras. E lá, nas outras terras, meu nome não é tão raro.

- Mas Ane-Eli tem algum significado? Ousaram perguntar

- Sim. ‘Aquele que fala pouco’ (Ane), mas ‘faz muito’ (Eli).

- Poxa !!!! Exclamou a tríade boquiaberta.

- Tá bom, mas aqui, no País do Castelo, podemos simplificar? Eli tá bom prá você?

Perguntou da frente da mochila nossa pequena Asile.

- Sim, claro, balbuciou suavemente a tímida e doce Ane-Eli.

Formava-se naquele momento o quarteto EVAN: E de Eli, V de Valter, A de Asile e N de Netinho.

O tempo passou e os quatro se encontravam com frequência, ali mesmo, onde sempre brincou a pequena Asile. E assim, de mansinho, os já adolescentes e componentes do quarteto EVAN começaram a fazer “música na Praça, em frente às escadas do Castelo das Torres Ametistas.

Rapidamente, o grupo tornou-se conhecido como a “Banda EVAN”; um grupo ainda amador, às vezes até meio mambembe e desorganizado, mas sempre alegre, feliz, e porque não dizer, musicalmente muito, muito harmônico.

Um grupo em que cada um e todos gostavam de brincar de fazer música e sonhar, ali, onde sempre sonharam seus sonhos desde a primeira infância, no Jardim Tropical, em frente ao Castelo.

Um grupo, em que cada um e todos, continuaram sendo o que sempre foram, e negaram-se terminantemente a despir-se da essência.

Tal determinação, de fazer música e dançar, sem jamais perder a essência de ser, muito impressionou Ali-Savi-Kora, um jovem grisalho empresário de cultura, cujo estranho nome deriva de misteriosas raízes ítalo-africanas.



Savi-Kora sempre teve o hábito de sentar-se na Praça do Jardim Tropical. E ali, muitas vezes também sonhava, e muitas vezes ouvia as sonoras notas da banda EVAN.

Até por conta de suas raízes africanas, Savi-Kora há muito conhecia Al-Cruces, uma linda jovem nascida no País do Castelo das Torres Ametistas, mas de pais vindos d'ultramar, saídos da África, e tendo vivido alguns anos no país Andaluz.

Como sempre faziam, Savi-Kora e Al-Cruces conversavam sobre tudo e sobre todos. E como não poderia deixar de ser, a banda EVAN foi notícia, naquele domingo, em plena Praça onde termina a rua da Harmonia.

Com a naturalidade e suavidade da inflorescência de uma orquídea, os dois semi-africanos aproximaram-se do quarteto e ingenuamente começaram a conversar. E deixando fluir a conversa, riram juntos, e sonharam juntos, e compuseram juntos, e passaram a estar juntos em cada edição do "Música na Praça".

E foram muitas e muitas edições. Tantas foram, e tantos habitantes dançaram ao som daquela música, que nossos personagens acabaram conseguindo moradia no próprio Castelo, desde que trabalhassem profissionalmente, muito, e muito bem.

Sim, já não eram mais crianças.

Mas o gosto de fazer do trabalho uma eterna música, neles todos permaneceu.

Nossa pequena Asile, assim como todo o quarteto EVAN, agora moradores do Castelo das Torres Ametistas tomaram, então, uma importante decisão: trabalhariam, sim, e muito, no Castelo, e visitariam ainda e com frequência, as moradias dos habitantes daquele País.

Mas à noite, com a chegada do crepúsculo, desceriam as escadas e se sentariam na Praça, à espera que o brilho ametista surgisse nas torres. E sob tal luz, contariam a outras crianças, sonhos de infância, sonhados e vividos ali mesmo, naquela mesma praça. E assim têm feito, e assim farão!

Com seu jeitinho de bichinho arisco e sorridente, não foi difícil para a pequena Asile convencer Savi-Kora a fazer o mesmo. Este, por sua vez, não raro puxa Al-Cruces consigo.

De modo que hoje, quem quiser encontrar este quarteto, ou melhor, este quinteto, que às vezes será sexteto, basta estar na Praça com a chegada do crepúsculo, e sonhar sob a luz ametista deste mágico Castelo.

Muito obrigado e feliz aniversário a todo nós!